

Homenagem Póstuma ao Ministro Otto Rocha*

O EXMO. SR. MINISTRO GARCIA VIEIRA:

Sr. Presidente; Srs. Ministros; Sr. Subprocurador-Geral da República; Srs. Ministros dos Tribunais Superiores; Srs. Ministros aposentados; Srs. Subprocuradores-Gerais da República; Srs. Juízes do Tribunal Regional Federal; Sr. Presidente do Tribunal de Justiça do DF; Srs. Desembargadores; Srs. Magistrados; Srs. Procuradores; Srs. Advogados; demais autoridades presentes; Srs. familiares do Ministro Otto Rocha; Senhoras e Senhores, conheci o Ministro Otto Rocha no início do ano de 1967, quando fomos nomeados, ele, Juiz Federal, e eu, Juiz Federal Substituto da 2ª Vara da Seção Judiciária do Distrito Federal. A partir daí, nasceu uma grande amizade entre nós, que durou 27 anos e nos transformou em verdadeiros irmãos. Com ele aprendi muito, porque ele já era advogado e procurador experiente, vencedor, consagrado e cidadão exemplar. Sempre me estendeu a mão quando dele precisei. Não seria eu hoje Ministro deste colendo Superior Tribunal de Justiça, não fosse sua decisiva ajuda.

Seus verdadeiros amigos, seus colegas do TFR e seus familiares sentiram e sentem muito a sua partida, a sua ausência, mas nos resta um consolo: ele foi um homem vencedor e feliz. Realizou aqui na terra tudo o que mais desejou. Casou com a mulher que mais amou neste mundo. Com sua amada Zuleika viveu por 47 anos e ela sempre soube compreendê-lo, amá-lo e fazê-lo feliz. Amava suas filhas, genros e netos e eles estavam sempre a seu lado, respeitando-o e amando-o. Foi advogado, procurador, juiz e Ministro, sempre bem conceituado e respeitado. Na vida adotou o pensamento de Goethe de que o importante não é chegar, e sim, viver o próprio caminhar. Soube seguir o conselho de Kant: “Age em todas as suas ações de modo que a norma do teu proceder possa ser erigida em lei universal”.

Realizou-se completamente como homem e como profissional. Era um exemplo a ser seguido por todos.

É profundamente gratificante para seus familiares e amigos a certeza de que o Ministro Otto Rocha, nos seus 75 anos de vida, apesar de ter ocupado altos cargos e desempenhado difíceis e árduas funções, não tenha cometido

* Plenário do STJ. Sessão Extraordinária de 28/4/1994.

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

nenhum deslize e só deixado exemplo de honestidade e integridade. Ele jamais praticou qualquer ato capaz de envergonhar seus entes queridos. Nunca manchou a sua toga. Foi um exemplo de altivez, dignidade e honradez a ser seguido por suas filhas e netos. Dele só terão boas recordações.

Na difícil e quase divina missão de julgar, era justo, imparcial, corajoso, independente e jamais se curvava diante de ninguém. Mas era também simples, espontâneo, franco, natural e amável. Em momento algum, era arrogante. Suas sentenças e votos eram claros, sintéticos, objetivos e representavam busca constante de realização da justiça. Como magistrado, inspirava respeito, simpatia e confiança, com seus atos, atitudes e lhanza de trato. Assim, como para Kant, também para ele, “se a Justiça desaparecesse, não valeria mais a pena que os homens vivessem sobre a terra”.

Como juiz, sua preocupação constante era ser justo e realizar justiça. Ao tomar posse no cargo de Ministro do TFR, há dez anos, firmou o compromisso de, com “trabalho honesto, eficiente e digno, sempre manter cada vez mais elevados o prestígio, o conceito e a majestade do Tribunal”.

No seu discurso de aposentadoria afirmou:

“Espero ter cumprido a promessa. Espero não ter decepcionado meus ilustres colegas, pois procurei sempre distribuir a melhor justiça”.

Naquele momento de despedida tinha o Ministro Otto Rocha a certeza do pleno cumprimento de seu compromisso. No TFR foi um julgador honesto, digno, justo, respeitado e querido, que contribuiu para “o prestígio, o conceito e a majestade do Tribunal”. Ali só deixou amigos e admiradores, muitos deles presentes nesta solenidade e agora componentes deste Superior Tribunal de Justiça. No TFR, como Ministro, Presidente da Segunda Turma, Corregedor, exerceu suas funções com dignidade, coragem, serenidade, equilíbrio, segurança e independência. Seu norte era a sua consciência. Nos vinte anos como juiz federal e dez como Ministro, seguiu a lição de Mário Guimarães, por ele invocada no seu discurso ao aposentar-se, tendo como meta “o bem estar do povo, o respeito às liberdades individuais, à paz social”. Em seus julgamentos procurou seguir o conceito romano de Justiça, adotado por Santo Agostinho e exposto em Cícero, dando a cada um o que é seu.

Xenofonte, na sua *Ciropédia* conta que o mestre de Ciro propôs-lhe o seguinte problema:

“Um menino crescido, que tinha uma capa muito curta, tirou a outro menino menor a capa, que era muito comprida, deu-lhe a sua e vestiu a dele”.



Ministro Jacy Garcia Vieira

Respondeu Ciro que “a ambos convinha ficar com a capa acomodada à sua altura”.

Reprovou-lhe o mestre dizendo-lhe que deveria “ajuizar quem era o dono da capa, só importava ter em vista determinar quem devia justamente possuí-la, se quem a tinha tirado à força, se quem a tinha feito ou comprado”.

Ensinou-lhe o mestre que o justo era dar a cada um o que era seu.

Tivesse referida questão sido submetida ao Ministro Otto Rocha, ele não teria dúvida em determinar a entrega da capa grande ao menino pequeno e a capa pequena ao menino grande.

Sentimos tremendamente o vazio de sua ausência, mas temos certeza de que o Ministro Otto Rocha sempre foi um homem digno que soube buscar o seu caminho, realizar com sabedoria sua missão aqui na terra, preparar-se para seguir a luz divina, caminhar em direção a Deus e encontrar a justiça absoluta, a alegria infinita e a felicidade perfeita.